

[EXPERIMENTAÇÃO TEXTUAL]

Reisado itinerante: a comissão mossoroense de folclore no meio do povo: sujeitos, performance, tradição

Marcus Venicius Filgueira de Medeiros¹

INTRODUÇÃO

Este é um ensaio prévio com a sensação sistemática, lógica, de tornar a brincadeira cênica em gênero dramático com início, meio e fim, na perspectiva do corpo prazenteiro ser o grande maestro do todo das partes que são encenadas, assim sendo: a musicalidade, a contação de história, a declamação, o jogo de repetição, a chamada do interlocutor para uma participação, o desejo plausível do encantamento passam a ser esse reisado de itinerâncias, de improvisos, de brincantes das tradições nesse contexto de ocupação de espaço e do tempo da atuação, da performance, da conexão entre o mundo real e a fábula da fantasia existencial da arte e de suas linguagens para o algo perceptivo. Para Maurice Merleau-Ponty (1999, p. 25): “[...]ver é obter cores e luzes, ouvir é obter sons, sentir é obter qualidade e, para saber o que é sentir, não basta ter visto o vermelho ou ouvir um lá?

¹ Professor, escritor, contador de história. Mestrando do mestrado de Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN.

O vermelho e o verde não são sensações, são sensíveis, e a qualidade não é um elemento da consciência, é uma propriedade do objeto”.

A importância desse registro se dar pela importância do aprender a aprender a ver, olhar, espiar, sentir, degustar o cardápio do desejo de servir para povo, e com o povo, aquilo que é próprio da humanidade: seus prazeres, encantamentos, sinestesias, metáforas daquilo que é representativo para os sentidos, e com os sentidos, nas manifestações de imitação da vida pela reação da arte nas misturas dos elementos cósmicos e abrasivos de poder dar a vida um tom, um elo, um eco sonante de prazer e de realização da mística do corpo vibrato e sonante do artista em atuação. O fato é que: se a vida vai mal, a arte necessita chegar como costura dessa sutura social que faz a vida sangrar, pois a arte existe para que exista magia e embelezamento nos dias mais ásperos e racionais.

Nessas vinte e sete léguas de existências, a Comissão mossoroense de folclore pode reunir várias de suas manifestações para o ar da graça de poder ser interação, ultrapassar as fronteiras do Oeste potiguar e ocupar espaço na terra do caju para celebrar, no II Festival de Cultura e de Cidadania do município potiguar de Severiano Melo, pois a cultura é parte e é todo simultaneamente, quebra as distâncias e vai se enveredando para os processos de construção de identidades, de elos afetivos, de promoção da vida com toda a sua densidade de selar compromissos entre os desafios de existir e toda a sabedoria do viés de tecer os fios da condição humana nesse olhar de entrelaçar as mãos na construção do mundo com mais oportunidades.

Foi a convite do Instituto Meu Sertão, na pessoa da presente Magaly Holanda, que o Reisado Itinerante fez a convocatória, pôs todos os brincantes dentro do vagão do trem da ousadia e se fez presente nesse instante de troca de palavreados, de sonhos e de desejo de saciar toda a sede de ser do folclore e de ser da cidadania num ciclo de pertencimento ao que é próprio da própria humanidade. Assim, podemos ler em Albuquerque (2013, p.77) como ele concebe o folclore: “Há no que chamamos de folclore ou de cultura popular, assim como de cultura nordestina, uma nostalgia em

relação a esta sociabilidade marcada pelas relações face a face, e uma rejeição à sociedade do anonimato, à sociedade da despersonalificação do individualismo burguês”.

Por aqui o registro daquilo que não é permitido passar sem ser notado, deixar estampado todos os piados das vozes serelepes de quem não deixa se perder como se fosse um eco liberado no vácuo aquilo que edifica, passa a ser, tem um significado de ser safra para aqueles ouvintes das mirabolantes virtudes de uma cultura arraigada de signos, de códigos, de uma linguagem de pertencimento aos mais simples, sujeitos das periferias da vida e de suas existências: um reisado bordado por contadores de histórias, mediadores de leituras, declamadores de cordel, arautos das místicas da vida, menestréis do improviso, da arte do embolar as palavras, das vozes ditas nos estalos de instantes oportunos (BENJAMIN, 1998).

Para a costura teórica, o chamamento do Paul Zumthor e a compreensão acerca do artista intérprete, do artista jogador, do artista que vai tecendo a sua indumentária à medida que a necessidade vai querendo, vai montando o seu quebra-cabeça com as partes lançadas no tabuleiro chamado de roda de apresentação. Também o diálogo com Durval Muniz Albuquerque Junior para o interagir do ser-no-mundo e não ficar só, perdido, mas sendo, na rua reinvenção, fiando com as linhas do querer para narrar a sua arte no encantamento dos encantados que abandonam seus mundos das ideias platônicos e passam a ser o centro, o equilíbrio de toda a brincadeira alinhada ali, no ato performativo da fusão do: sou real e sou fantasia simultaneamente. Para isto, existe o estado pleno da voz, a palavra mastigada em cada cena como princípio enunciativo de ter o que comunicar, assim sendo, preciso a fala do Jorge Glusberg acerca dos seus apontamentos de Performance.

A afirmação da arte da performance se dará na mesma medida em que se afirmam todos os movimentos de arte experimental ou da arte de sistemas. Contudo, todas essas formas de arte devem se integrar a essa estrutura de conjunto que se sintetiza na arte da performance, onde o corpo, verdadeiro rei da cena, é um corpo que é modelado e ritualizado, ainda que de forma integrada, não fragmentada. (GLAUSBERG, 2009, p.82).

O Reisado Itinerante é a ideia materializada para o chamamento entre os mundos, o riso ultrapassado da escuta presencial com as memórias dos espectadores que já haviam esquecido a riqueza da brincadeira infantil, dos jogos cantados, das histórias ditas na ponta da língua. Desta forma, um trabalho elaborado com o corpo, nos corpos e para todos os corpos cênicos imbuídos de arte, desse calor criativo de representação, de percepções e recepções dos olhares e sorrisos espectadores (ZUMTHOR, 1997). Por aqui, todos artistas prosopoéticos, ou seja, atores sociais infestados de saberes espontâneos, muitas vezes anônimos, aprendidos nas trocas subjetivas das vivências sociais, culturais e históricas.

O trem itinerante desse reisado segue desbravando a poética desse mundo tão caduco, áspero, mas tão sedento de fazer uma boa limonada com todos os ingredientes humanos por aqui atravessados de vontade de ser riso, de fazer riso, de propor riso aos feios e bonitos, aos baixos e altos, aos com dentes e sem dentes dessa vida tão singular-plural (JOSSO, 2010), mas também tão individual-coletivo. Por aqui se ativa o bem querer da convivência marcada pelo desejo de felicidade, de se viver no hoje tudo aquilo que é do pertencimento, também, da oralidade. Para Thompson (1992):

Essa capacidade de fazer conexões entre esferas distintas da vida constitui uma força intrínseca da história oral do desenvolvimento da interpretação histórica. Ao estudar a transição de uma cultura para outra, no tempo, ou por migração, não só podemos ver essas culturas separadamente, mas também observar os caminhos trilhados por cada indivíduo de uma outra cultura para outra (THOMPSON, 1992, p. 327).

É um trabalho qualitativo, pautado na história oral a partir da observação de fotos disponibilizadas nas redes sociais do Instituto Meu Sertão - Instagram - como também está sob o olhar do método da sociopoética por se tratar de performance de artistas em seu lugar de fala - o palco da vida e todos os seus desafios, assim como da escuta das falas verbalizadas nos instantes de conversas entre brincantes e espectadores. A tradição é a costura por se tratar de uma comissão de folclore, desta arte

atravessada por séculos a vida de cidadãos e cidadãs, e, por mais que venha as outras linguagens do desenvolvimento histórico, ainda persiste no imaginário de quem se deleita e aceita os acordes dessa musicalidade pulsando dentro do peito de quem a acolhe. Para Gauthier e Adad (2020, p. 265), “O devir é uma fuga fora dos engessamentos instituídos, no sentido de criar elos instituintes, muitas vezes, inesperados e ‘impensáveis’, constituindo assim novas formas de desejar, se alegrar, se expressar, em dispositivos compostos por dimensões heterogêneas.

A Comissão Mossoroense de Folclore (COMFOLC) tem nos seus trâmites esse viés de desenvolver um trabalho com as várias culturas dos sujeitos sociais em seus contextos de tempo e de espaço de ocorrências, tendo a ciência de que nada é estático, sob a pressão da inércia, ao contrário, fatores político, econômicos, educacionais, sociais e culturais interferem e muito nos modelos e formas de concepção das linguagens artístico-culturais das comunidades, dos grupos formados, das concepções estéticas ao longo da passagem do tempo e dos choques de gerações, por isso deixa livre a concepção de arte assumida por cada brincante dentro de sua modalidade. Para Zumthor (2018, p.73): “Ora, o corpo tem alguma coisa de indomável; de inapreensível. Não há ciência do corpo; há a biologia, a anatomia e o resto, conjunto virtualmente infinito, mas não uma ciência do corpo como tal[...].”

Agora é ora de afinar o gogó, de dizer aos pés que podem arrastar poeira, o terreiro é do brincante, o universo é todo o cortinado aberto para o espetáculo acontecer, assim sendo, hora de deixar esse Reisado itinerante falar por si.

SALVE, REISADO

A comissão mossoroense de Folclore - COMFOLC - foi criada em 29 de novembro de 1996 com o propósito de poder fomentar atividades de registros, de atuação, das performances das várias manifestações folclóricas existentes na cidade de Mossoró. Nestas 27 léguas de existência teve quatro presidentes, sendo: Filemon Pimenta, Rogenildo Silva, Jean Custos e

Marcus Venicius, todos comprometidos com o fazer de atuação dessa cultura pautada na ancestralidade e no viés da cultura anônima, espontânea, de transmissão pela vivência, tida como tradicional pela literatura existente. Para Albuquerque (2013, p. 192), vale ressaltar que: “A invenção da cultura popular passa não somente por um processo de domesticação simbólica e semiótica da produção cultural dos pobres, como por um processo de domesticação política, moral e policial desta produção”.

Pactuar uma instituição para se pensar, conservar, resgatar e dialogar com os paradigmas culturais frente a um crescente desenvolvimento tecnológico responsável por deixar, muitas vezes, as manifestações tradicionais às margens da sociedade, teve suas complicações e percalços, uma vez que nessa sociedade de consumo e de liquidez, aquilo que é simbólico, representa o passado, tem cheiro de museu, de ficar encostado no seu devido lugar, pois o mais importante é seguir o desenvolvimento do progresso e se ater com os paradigmas culturais da representatividade do presente, da atualidade. Segundo Albuquerque (2013):

A construção do folclore significa, no entanto, a retirada do tempo das matérias e formas de expressão populares e sua disposição em classificações atemporais. Este pretenso isolamento, dos materiais que recolhem, da corrosão do tempo, e seu resgate físico-espacial nos livros que escrevem sobre o assunto, produz a mitificação, a sacralização e a auratização da chamada cultura popular nos termos discutidos por Walter Benjamin. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 124 - 125).

O grupo de pessoas interessadas em construir a comissão precisou se reunir por mais de ano para se chegar ao modelo de comissão com seu pertencimento sociocultural para o desenvolvimento de uma consciência de si e do outro como patrimônio cultural responsável pela permanência de características do passado nas manifestações presentes. Essa é uma autorreflexão precisa, pois é um divisor de água, um marcador de eixo norteador para que as manifestações pudessem ocupar seus lugares e não se corrompessem com os apelos reformistas da contemporaneidade.

Num processo de reformulação para a vida pós COVID-19, a comissão vem se estruturando sob o olhar da nova direção para se compor enquanto

instrumento de reunião de Brincantes, de amantes, de curiosos, de leigos, de gente que se assume como amantes destas expressões e de reinvenção dessa tradição popular e folclórica. É assim que a ação de se criar o Reisado Itinerante aflorou como mecanismo de poder transmitir saberes para outras pessoas que se desejam impactadas com as linguagens desenvolvidas nesse itinerário. O Reisado Itinerante foi a ideia de junção de várias vozes, e múltiplos corpos performativos, de processos de oralidade plurais para a disseminação dessa arte poética de poder conduzir o encantamento pela palavra oralizada. Daí ser formado por Contatores de história, interventor cultural, declamador de versos, mediadores de leitura, improvisadores, gente que carrega na veia o sangue pulsante de quem é aguerrido lutador das tradições, das reinvenções, da cultura folclórica manifestada no corpo como processo atravessado do itinerário formativo singular e plural. Para Paulo Freire (1996):

Como educador preciso ir ‘lendo’ cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo ‘leitura do mundo’ que precede sempre a ‘leitura da palavra’. (FREIRE, 1996, p. 81).

O grande objetivo do Reisado Itinerante é poder propor diversão e lazer para a população nessa ótica de somar os mundos distintos do que acontecia ontem com o que pode e acontece até os dias de hoje. Atravessando essa linha do tempo, de tantas décadas e de tantos contextos que se dissociam pelo desenvolvimento histórico e o surgimento de novas tecnologias, o que é possível perceber é que o capital cultural tem sempre seus resquícios no corpo e na memória do artista que não solta por completo a mão do destino. O tino da aventura é poder estabelecer o diálogo entre a oralidade e a escrita; entre a oralidade e a imagem; entre a oralidade e os recursos tecnológicos das linguagens contemporâneas (SANTOS, 2022).

Importante se frisar tais questões porque é nesse campo de disputa que as manifestações vão criando corpo e se transformando em elementos significativos para quem estar de olhos bem arregalados para receber os contornos e as situações satisfatórias da vida. Por mais que nos separamos com o mundo do consumo e com uma sociedade pautada no descartável, no imediatismo, a cultura vai se firmando como esse pedal de mexer com o tempo e de desarrumar a subjetividade alheia do espectador. Quando o artista se aparenta com a sua indumentária e vai trazendo para o centro da cena o olhar disperso, a magia da arte vai fazendo a costura do inesperado, e o que parecia elemento cultural de um outro tempo, tudo passa a ser tão presente que todos são conduzidos ao pensamento de que não existe distância entre os mundos nem os tempos. Para Bauman (2011):

O moto-perpétuo da moda é o destruidor especializado, treinado e restado de toda e qualquer paralisação do movimento. A moda projeta estilos de vida sob a forma permanente e infindável revolução. Dado que o fenômeno da moda está íntima e inseparavelmente vinculado a dois atributos ‘eternos’ e ‘universais’ do modo humano de estar no mundo, com sua também irreparável incompatibilidade interna, a presença ubíqua desse fenômeno não se limita a uma ou mais formas selecionadas de vida. (BAUMAN, 2011, p. 81-82).

É a leitura feita, a leitura imbuída de suas vaidades, de seus elementos estéticos para a poética estabelecida entre as partes entrelaçadas nessa estrada de encontros, de conchavos, de elos formados para o bom desenvolvimento do todo. A leitura do que existe na ponta da língua, como o gosto, como o sabor daquilo que é servido para a boa degustação de um evento tecido para o encantamento do tempo presente, do ser presente.

Não é o gosto travoso do que é passageiro, efêmero, distante dos dias de sol e de das noites de lua de quem se impregna desse fazer artístico fora dos rótulos do consumo para se aventurar em exprimir o gosto por aquilo que já tem existência própria, estar no imaginário popular e que vai ganhando um formato à medida que é tensionado, acionado dentro da memória visual, da memória olfativa, das memórias que se escavam como algo

retrospectivo circundante de se deixar ir, por aí, sem atropelos ou apegos a valores passageiros.

SOMOS BRINCANTES

Aqui, um processo de registro pautado na autorreflexão dos fatos ocorrido, de como tudo é desenrolado para o bom desenvolvimento de tudo que é proposto para enaltecer esse II FECULC - Festival de cultura e cidadania, do Instituto Meu Sertão, da cidade de Severiano Melo/RN. É a alma brejeira do mato, da seca, da caatinga e de um ser tão pleno de seus mistérios, dos acontecimentos que não são resolvidos pelos métodos mais exegetas de se pensar o conhecimento. Estiveram presentes os seres de osso e os seres do além convocados para abrir a passagem de tudo que seria apresentado naquele distrito de Santo Antônio, no meio do mato fechado e vigiado pelas caaporas. Seguindo o pensamento do Gauthier e da Adad (2020):

Como educadores e pesquisadores não podemos reproduzir as formas instituídas pelos países colonizadores das nossas práticas. Queremos decolonizar a Universidade a partir de uma abordagem contracolonial da pesquisa e ensino. Decolonizar significa que introduzimos na academia uma abordagem que pretende entrar em diálogo crítico com os fazeres instituídos e suas teorizações e, aos poucos, colocar em crise esses procedimentos (GAUTHIER e ADAD, 2020, p. 263).

Vamos contar essa história com a voz cosida para dentro do contador, mas com os elos dos brios de fogo dos que estão a nos rodear, a gente vai abrindo a cortina do tempo pelo olho de Deus escondido por detrás do pé de mato nascido ali, na encruzilhada da passagem do vento. Contar história é atemporal. Quem narra um enredo é atravessado na linha do tempo da história, da Invenção da roda, do fogo, da imprensa, do Renascimento, da Idade moderna, das Vanguardas, do Movimento cultural da atualidade.

São seres divinos impregnados de uma poética que costura aquilo que é considerado conhecimento com a sabedoria emanada do povo, das vozes da resistência, do encantamento necessário à vida para que esta não seja tão áspera. A Contação de história tem os seus segredos e os seus mistérios que

não se revelam tão assim do nada, é preciso estabelecer o devir instantâneo entre o contador e o sujeito da escuta, como as conchas do mar postas nos ouvidos ou o silêncio cravado nos olhos para se deliciar com o céu estrelado e a lua nova iluminando o céu. As fotografias dizem isso, elas registram os encantos dos artistas encantados, suas artes e artifícios de corpos performativos na atitude de dizer, de falar, de enredar o mundo e suas peculiaridades. Ainda dialogando com Gauthier e Adad (2020):

Contestamos o privilégio dado pela academia ao ‘logos’, à fala racional, já que os movimentos sociais e as comunidades populares são possuem necessariamente a mesma concepção da rationalidade (ela é muito mais prática e engajada, no caso: palavra certa no momento certo, rationalidade que os Gregos chamavam de ‘kairós’), e não limitam seu jeito de pensar no mero ‘cérebro esquerdo’, como se diz, mas pensam com todas as faculdades cognitivas do corpo, todas as conexões do cérebro. (GAUTHIER e ADAD, 2020, p. 263).

Correto afirmar que elas, as fotografias, contam a história acontecida e a história ancestral, toda a sabedoria da cultura oral de povos que descobriram que a voz é mágica e é potente: ela tem toda a esperteza do poder do encantamento da sinestesia palpitante nos corações de quem fala e de quem ouve. Ela é anterior a linguagem verbal. O ser humano já contava história no silêncio do desconhecido da voz, usava a imagem e gesto para o encantar da vida. É um ato folclorista?

É o que cada um desejar dizer, pois, sendo o folclore um costume da identidade de um povo, os narradores são povos! Costumes! identidades! Crenças! Tradição... Como também são vanguardas - essa arte que atravessa o tempo, faz o corte no marasmo e se reinventa com uma nova indumentária para o dom do tornar verdade a maior mentira existente, assim como tornar mentira essas verdades cabeludas que provocam estranheza.

Contar essa história do Reisado Itinerante é como colocar açúcar na máquina e fazer algodão doce: de repente os grãos se transformam numa teia de lambuzar a boca e a alma num instante de segundos. Está no Folclore com todos os seres do encantamento, mas não está adormecido, ao contrário, enquanto houver resistência, o corpo andante e performativo de

quem adora parlapatices vai estar por aí a tirar uma soneca, mas muito mais suspiros de quem se destina ouvir. Reexistimos, esse é o nosso destino (SANTOS, 2022).

É uma brincadeira de sabedoria, de coisas do meio do povo, da brincadeira de cai no poço ou do anjo bom e do anjo mal. É a sabedoria do povo assoberbada de um tempero de oralidade, de um ofício transmitidos de geração para geração através da vivência, da convivência, do aprender a aprender pela prática, como se designa o folclore. Mas o que é o Folclore? Folclore é essa veia pulsante dentro de você a dizer que: nada passa, tudo é presente, o ontem está vivo dentro de você, desse bornó chamado de consciência coletiva. Esse emaranhado de sensação que não permite o sujeito se sentir só, solitário, abandonado, pois esse senso é plural, de grupo, de se achar rodeado de seres materiais e imateriais simultaneamente. Na visão de Zumthor (1997):

O interprete é o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista. Ele pode ser também compositor de tudo ou parte daquilo que ele diz ou canta. Se ele não o é, será questionada a relação que o liga ao(s) compositor(es) anterior(es). Acontece que o público adota para o intérprete o mesmo comportamento que adota para o autor: a lembrança e o título de uma canção se prendem ao nome de um dos seus cantores que a propagam, a ponto de parecer como coisa sua. (ZUMTHOR, 1997, p. 225).

Folclore é um jogo de sedução que não sufoca, ao contrário, torna o brincante mais leve, direcionado ao mundo do fabuloso e do fantástico; da razão e da emoção; do poético e do epistemológico. Difícil de compreender? Ótimo, pois o Folclore não é fácil, é galante e gosta dos giros demorados das rodas gigantes para poder ser descoberto como o fascínio da cultura popular que ofusca essa nossa visão tão real. Nada é tão real no folclore, pois para assim o ser, é preciso o encantamento dos encantados; o que não se permite ser revelado tão rapidamente!

Assim é o cordel com todas as suas arrumações internas; assim é o maracatu com os adornos da pajelança e os enfeites da grande corte brasileira. O folclore é o costume e as crendices dessa gente: de comer feijão

com farinha e chamar de raposa, assim como não passar por debaixo de uma escada com medo das consequências. Isso. O folclore é a consequência de estudos de sabedoria adotados por um certo povo para aquecer as relações poéticas e intersubjetivas de uma brasiliade aflorada em tantos e diversos acontecimentos.

São acontecências prazenteiras como identidade de um povo que gosta de migrar: ir e vir numa velocidade de milésimos para não perder a fala. Folclore é perder a fala e se deixar guardião do tesouro da humanidade pelas pancadas do Coração. É seguir no rastro da água que ainda jorra do açude do lado da casa e vai matando a sede da saudade através do riso arrancado da boca de quem vive com os olhos atentos. Passamos, assim a apresentar os brincantes: Atenção, muita atenção para não piscar o olho e perder o foco do lampejo.



:



O Reisado é composto por Rogenildo Silva - mossoroense, educador popular, servidor público e discente do curso da LEDOC/UFERSA (Licenciatura em Educação do Campo/Universidade Federal do Semiárido). Ele, no campo das artes, é um contador de história que atende no subtítulo de "O andarilho de Mossoró". Este andarilho é inscrito na mística vivencial de espiritualidade aprendida na Pastoral de Juventude do Meio Popular/PJMP - Movimento religioso veiculado a religião Católica Apostólica Romana. É um trabalho de encantamento com um rito de parentesco inicial, ritual de encantamento do público presente com música, e um viés sócio educativo e psicoafetivo através da palavra oralizada, num

jogo de performar e de se revestir da indumentária performativa de um personagem arraigado de conhecimentos da sabedoria Popular.

O andarilho tem o cheiro do mato seco e das ervas dos chás das rezadeiras em seus processos de cura, ele atura, permeia o imaginário da coletividade e vai fazendo arte a partir de um processo de devir para o que deva ser aquele instante de alinhar a leitura do mundo entre os mundos do fabuloso, do encantado, dos encantados com as necessidades emergentes dos espectadores atentos na prosa do contador para que a arte tenha seu estado de salvação e de aclamação no ato de ser enunciada.

Ele usa a indumentária da vida, das cores, da forma de trazer para si o olhar mais distante, e num jogo de improviso, a história vai como linha sendo colocada na agulha da criatividade para fazer a costura do enredo estirado naquele instante. É um instante significativo de fala e de escuta; de observação e de ação singular-plural. O trabalho desse artista deixou o público presente com gosto de queria mais, muito mais.

A fotografia é o resultado desse elo afetivo entre quem faz arte e quem deseja arte na vida. É o instante de entrega entre o Andarilho de Mossoró e o público presente no II Festival de cultura e de Cidadania, no distrito de Santo Antônio, na cidade de Severiano Melo/RN.



Marcus Venicius, mais conhecido como Marcus Vinicius - é professor, escritor e contador de história. Comporta em si o personagem: João Ninguém da Silva, um pescador que faz de tudo para costurar seus enredos através dos jogos de repetição, das brincadeiras do imaginário infantil, e da

contação de história que versa das situações ocorridas no passado, do tempo que não existia energia elétrica, quando as pessoas se sentavam nos terreiros das casas para ouvir umas às outras, e dos casos da poética da vida, da estética da palavra e das sinestesias promovidas pelas recepções e percepções dos encantamento pela indumentária do corpo prazenteiro.

É um artista que encontra a sua arte no olhar atravessado do outro, de quem o observa e gosta de pautar o seu ofício de contador na máxima popular que diz: quem conta um ponto, aumenta um ponto. Suas histórias são causos populares, são narrativas inventadas a partir do dia a dia, das parlapatices dos vendedores populares e dos ofícios de outros seres – sujeito-no-mundo com as competências do saber-fazer, saber-dizer, saber-ser, saber-atuar.

É um artista de performance, que usa o corpo e a voz para os processos de encantamento. Faz da arte da contação de história o seu viés de dar voo e pouso ao seu desenvolvimento para a cultura da permanência daquilo que foi tão expressivo no passado, no tempo em que as tecnologias eram menos ásperas e não segregavam as pessoas nos seus territórios geográficos de usar a voz nos processos de interação.

Sua indumentária é revestida de cores, de fitas, de elementos que tornam o visual dinâmico. Na fotografia, ele usa o Boi Calemba para o respaldo da sua chegada no coreto da apresentação. É um artista da cultura popular, da voz do encantado, de propor vitalidade entre o tempo presente e o tempo passado, de dizer que por mais que a cultura seja contextual, há sempre alguém com o desejo de ouvir um bom enredo de uma boa história narrada. É um contador de história da arte do meio popular, autointitulado de artista prosopoético.



Goreth Medeiros, a Dona Maricota. Ela é pedagoga, é artesã, é atriz, e contadora de história. Desenvolve a sua arte em espaços formais e informais de educação. Uma pessoa que faz uso da palavra como faz uso da respiração que impulsiona seu coração no dizer. Tem um exercício de encantamento para o público infantil, mas também gosta de fazer a mediação da leitura para o público diverso na declamação de cordel.

É uma contadora de história aflorada nas brumas da estrada, nos seus percalços formativos de professora formada no magistério, depois no pedagógico, e nos processos de educação de casa que eram atribuídos às mulheres. Sempre usou a contação de história aprendida nas relações familiares como viés pedagógico para o encantamento através da palavra mastigada em seus processos de exercício de dizer, de dialogar, de transmitir conhecimento para aqueles e aquelas de sua sala de aula.

Atravessou o tempo e fez da contação de história de sala de aula um ofício na vida, veio para a vida e quebrou os espaços oficiais de educação para armar sua tenda também em outros espaços, assim se apresenta em: Creches, escolas, unidades de educação infantil, igrejas, salões, feiras de livros, projetos. É uma artista versátil, vai da contação de história para a mediação de leitura e a feitura do artesanato.

Goreth Medeiros é Dona Maricota. Ela está com indumentaria dos brincantes do Boi Calemba, dos galantes. É a forma dela dizer de si, mostrar inscrito no seu olhar o que é a representação da sua arte, do seu ofício, daquilo que ela sabe fazer, faz e se sente presente no corpo prazenteiro de atuação performativa que a enche de gratidão e de felicidade no exercício

dessa atividade que também tem o aspecto de ser um artesanato feito no engate das peças desse quebra cabeça de cores, sabores e sentimentos.

A fotografia é o registro dela como mediadora de leitura, está na declamação de um cordel arraigado de suas formas mais marcantes: rimas, métrica, oração, estrofes, encantamento, desventura, sinestesias. É uma artista que pulsa arte dentro de si



Marta Noberto é pedagoga, mestre em educação, contadora de história e mediadora se leitura. Faz uso da palavra na sua naturalidade, e deixa que o encantamento que atravessa o seu timbre de voz possa promover todo o encantamento da sua verbalização. É a contadora, a que vai pontuado o tempo costurado com a sua maestria de trazer pra si a atenção. Uma performance do natural, de si, com seu percurso formativo de educadora da educação infantil.

É uma das sócias fundadoras da COMFOLC - Comissão Mossoroense de Folclore, e desde sempre teve essa veia pulsante de trabalhar com os elementos da cultura popular, das linguagens do povo, das manifestações diversas e múltiplas de se conceber esse bem maior que é a cultura do folclore, a cultura anônima do povo e das gentes de identidades. Faz parte do Projeto Debaixo da mangueira de leitura e de contação de história. Esteve à frente, também, do festival de folclore da Educação Municipal da cidade de Mossoró por longos anos.

A fotografia mostra o seu estado de improviso, de debulhar a palavra no momento e no estalo preciso de sua calma e maestria de saber conduzir

todo o jogo para onde se deseja ir. Está fazendo uso da palavra como se esta fosse uma grande bolha de sabão.



Fátima Feitosa é pedagoga, psicanalista e poetisa, agora está se enveredando pelos trâmites da contação de história, do envolvimento com a palavra dita, debulhada na ponta da língua. Ela sai da palavra escrita no seu versojar e vai para o meio da molecada ser feliz e promover felicidade. É uma artista interprete que pode confundir o espectador com a sua sutileza de trazer para a cena da escuta o verso, a crônica, o conto, a narrativa saída de suas experiencias, vivências e trocas de afinidades com o público interlocutor.

É artista da enunciação: faz do discurso sua asa de encantamento. Olha no olho por segurança, para trazer a criança público para o centro da escuta e da cena narrada naquele instante. Por instantes vai testando a si mesma nas suas competências e habilidades de faze a coisa certa, de vencer os medos e de ter na palavra enunciada uma aliada para o mundo do encantado.

Na fotografia, Fátima é poetisa, é contadora, é a artista intérprete arraigada de emoção.



Todos os vagões precisos, o relato reflexivo sendo feito para o registro daqueles que compõe esse Reisado Itinerante. É importante dizer quem são para sair da invisibilidade da existência que vai apregoando que não existem mais narradores de histórias porque não há mais público que dê ouvidos a quem está com a palavra. O Reisado sente o gosto da diferença, vai traçando seu espaço com a linha de um tempo que prova o contrário: quando o dito é relevante, dito com propriedade, com honestidade de quem deseja atingir o coração do outro, a trajetória da oralidade ganha um outro contorno. Assim foi com o Reisado Itinerante. Tinha público, tinha público ouvinte, gente com vontade de soltar o riso e de ser semeador das verdades ouvidas. As fotografias estão aí como fonte de registro desses fatos aqui narrados.

A história oral pode ser constatada com várias formas de pesquisa.

A vida não espera, ela é veloz e ávida pelas aventuras despertadas em todos os instantes pelos seus sujeitos ativos e participativos. É assim no decorrer do percurso abrasivo do caminho da arte nesse chão aberto e profícuo de tantas vicissitudes no entorno do querer encontrar respostas para aquilo que não gasta apenas na emoção. A arte existe e exige essa existência para que possa inscrever nos corpos as oportunidades de redesenhar a falta de sentido desgastada quando a emoção é silenciada e passa pelo processo de invisibilidade porque a costura do tempo desgastou

e exigiu um novo cenário de acomodação para os tempos novos e suas novas tecnologias. Importante a ressalva do Zumthor (1997):

O ouvinte ‘faz parte’ da performance. O papel que ele ocupa, na sua constituição, é tão importante quanto o do intérprete. A poesia é então o que é recebido; mas sua recepção é um ato único, fugaz, irreversível, individual, porque se pode duvidar que a mesma performance seja vivida de maneira idêntica (exceto, talvez, em ritualização rigorosa ou transe coletivo) por dois ouvintes; e o recurso posterior ao texto (se há texto) não o recria. (ZUMTHOR, 1997, p. 241).

Atribuir o nome Resinado Itinerante para um movimento moderno de condução de arte para quem, muitas vezes, é privado desse processo por conta das circunstâncias da vida, é promover a política do querer democratizar os processos para todos e todas cidadãos e cidadãs de existência e de reexistências nessa vida; é usar a metáfora dos reisados da ancestralidade que permitia a coração das personalidades aos olhos dos espectadores como forma de também dar poder aos que não o tinha. Este sim é propósito deste projeto: empoderar, dizer ao povo ouvinte que somos responsáveis pela permanência do espetáculo a quem é de direito por direito de exigência plena de atuação nos processos de cidadania e de se tornar ainda mais humana a humanidade.

Existiria sentido na vida longe da arte? Distante desse processo de promover acomodação de tantas linguagens inventadas pela própria humanidade como imitação do real para promover o risível, o dramático, o lírico? O Reisado Itinerante chega aonde o povo estar, chega envolvendo quem se permite ser encantado com a forma peculiar e populesca de abraçar quem abre e quem permanece com os braços fechados por instantes enquanto ainda não foi contagiado por completo pelo processo. Tempos depois é admirável o quanto o corpo desarma e se arma pela palavra solta, pelo universo do tempo do sem limite, no infinito da semiótica de todos os signos envolvidos no instante do envolvimento prosopoético entre o corpo performativo da atuação cênica com o olhar do espectador atento a todos

os movimentos propostos pelo corpo da atuação da prazenteira divinização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sair de Mossoró foi divertido: organizar a viagem, preparar a bagagem, saber da organização dos carros e seguir viagem na busca do desconhecido, no mistério da supressa de não saber o que nos esperava ou quem iríamos encontrar no outro lado do espaço que nos aguardava. A vida de artista itinerante tem desses mistérios e desses subterfúgios que nos amedronta, dá aquele frio na barriga, ao mesmo tempo que impulsiona em você a adrenalina de uma circunstância de se superar com o esperado ou com o inesperado.

Chegar à cidade de Severiano Melo foi mágico, foi ter a certeza de que chegamos no destino certo para a nossa itinerância, fomos levados ao distrito de Santo Antônio, uma comunidade da cidade onde se aglomera boa parte da população e o Instituto Meu Sertão. Antes de nossa apresentação, a gente foi ter contato com a população e com algumas manifestações culturais próprias dali.

Foi um tempo bom, um pavio aceso da lamparina já apagada pelo tempo. A trupe chegou, armou a roda das apresentações e se fincou marionetes para os olhos dos ouvintes. O bom desse instante é saber que a oralidade não é apenas passado, ao contrário, ela pode ser acionada em qualquer tempo e espaço do instante do agora, e passar a ser presente. O artista popular - preso nas suas significações de se considerar folclore - coisa já ultrapassada, vive seu estalo de devir e passar a ser a sinestesia, e a cinestesia do instante de rompimento com o marasmo, com os conceitos e definições retrógradas. A arte necessita de existir, de tornar o corpo inerte nesse corpo prazenteiro que se recria na partitura de desarrumar o olhar espectador.

A grande aprendizagem é a percepção de que a cultura muda do espaço tempo geográficos, mas que camuflam as suas interfaces na pluralidade das identidades de sujeitos arraigados desses saberes que perpetuam no tempo,

atravessam os espaços delimitados e encontram colo nos corpos abertos para os processos de culturalidade e troca de experiências.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, D.M.de. “**O morto vestido para um ato inaugural**”: procedimentos e práticas dos estudos de folclore e de cultura popular. Durval Muniz Albuquerque Júnior. Prefácio de Regina Guimarães. – São Paulo: Intermeios, 2013.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: A estilística**/ Mikhail Bakthin; tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botchrov e Vadim Kójinov. – São Paulo: Editora 34, 2015 (1ª edição).

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**/Zygmunt Bauman; tradução Vera Pereira. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GAUTHIER, J., e. ADAD, S. J. C. **A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora**. EDUCAZIONE APERTA / NUMERO 7 / 2020.

JOSSO, M-C. **Experiência de vida e Formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**/ Maurice Merleau-Ponty: [tradução Carlos Alberto Ribeiro Moura]. 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. – (Tópicos).

SANTOS, B. d. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul** / Boaventura de Sousa Santos. – 1. ed.; 3 reimpr. – Belo Horizonte: Autentica, 2022.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**/ Paul Thompson; tradução Lório Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção, leitura**: Paul Zumthor. Título original: performance, réception, lecture. Tradução: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

_____ **INTRODUÇÃO À POESIA ORAL**/Paul Zumthor; tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec Ltda, 1997.